

Estudo Comparativo do Processo de Construção da Imagem de Frederico I na *Chronica* e na *Gesta* de Oto de Freising: o papel dos anos 1075-1152

Autora: Renata Fernandez Coelho (renatafcoelho@uol.com.br) – **Orientadora:** Prof^a Dr^a Néri de Barros Almeida

Unidade: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) – **Financiamento:** bolsa PIBIC/CNPq

Oto de Freising – Frederico I Barba-ruiva – Reforma da Igreja medieval (s. XI-XIII)

INTRODUÇÃO

Com o objetivo de pensar a relação entre os poderes espiritual e temporal no século XII, esta pesquisa dedicou-se ao estudo da imagem do imperador Frederico I Barba-ruiva (c.1122-1190) composta pelo bispo Oto de Freising (c.1110-1158) em sua *Gesta Friderici I imperatoris* (c.1157-1160). Tendo já constatado o importante papel desempenhado nesta obra pelos anos de 1075 a 1152, que correspondem ao período iniciado pela Querela das Investiduras e que se estende até a coroação régia de Frederico I, voltamos nossa atenção àquela que é considerada a obra magna de Oto de Freising, a *Chronica sive historia de duabus civitatibus* (1143-1147) a fim de perceber, pela análise comparada de ambas as obras, a forma pela qual o bispo revisitou a *Chronica* a partir de novos problemas ao compor a *Gesta*. A forma como Oto retratou os antepassados e os antecessores de Frederico I, as políticas imperiais, as relações entre Igreja e Império, as heresias – são todos temas que, presentes em ambas as obras do bispo de Freising, ajudam-nos a pensar os mecanismos utilizados pelo bispo para a legitimação do poder imperial de Frederico I e, igualmente, a compreender a forma como o bispo entedia esse líder, bem como a esperança que nele depositou em favor da paz.

METODOLOGIA

A pesquisa centrou-se nos seguintes aspectos:

- (1) Estudo do contexto do século XII, em especial dos movimentos da reforma da Igreja medieval (s.XI-XIII) e do Renascimento do século XII;
- (2) Estudo dos gêneros narrativos “Crônica” e “História” no período;
- (3) Análise do universo terminológico, conceitual e do campo semântico das obras de Oto de Freising, especialmente no que concerne às representações do império, do papado e da heresia;
- (4) Análise das relações estabelecidas entre a imagem otônica dos antecessores imperiais de Frederico I, a saber, Henrique IV (1050-1106), Henrique V (1081-1125), Lotário III (1075-1137) e Conrado III (1093-1152), e aquela do próprio Barba-ruiva, buscando perceber o papel da interação destas imagens na composição do ideal imperial de Oto de Freising.

FONTES:

OTTO OF FREISING. *The deeds of Frederick Barbarossa*. MIEROW, C. (ed) New York : Columbia University Press, 2004.

OTTO OF FREISING. *The Two Cities: a chronicle of universal history to the year 1146 AD*. MIEROW, C. (ed) New York : Columbia University Press, 2004.

CONCLUSÕES:

Ao longo desta pesquisa questionamo-nos sobre o ideal imperial composto por Oto de Freising, suas características e sua relação com o período no qual vivia o bispo. Através da análise de sua *Gesta*, pudemos perceber que este ideal imperial, personificado por Frederico I, encontra-se especialmente comprometido com a manutenção da paz e da unidade do império em dois níveis distintos, a saber, (1) no interior da nobreza e (2) nas relações entre Igreja e império. No primeiro desses níveis destaca-se sobremaneira o papel reservado na narrativa ao exercício da guerra que, quando *justa*, restabelece a paz e reconcilia a nobreza, representando ainda um exercício da piedade imperial e um testemunho de suas virtudes particulares. Dessa forma, Oto condena toda a guerra que é movida em função do orgulho e da arrogância, uma vez que estas necessariamente conduzem ao cisma no seio da nobreza (como é o caso das lutas “parricidas” de Henrique V, ou da perseguição de Lotário III à Frederico, então duque da Suábia). Ao buscar estabelecer a paz nas relações com a Igreja, o imperador ideal é descrito por Oto de Freising como um defensor da Igreja, em que se assemelharia àqueles da tradição carolíngia. Contudo, Oto distancia seu ideal imperial do modelo do *rex et sacerdos*, tomando partido de uma clara distinção entre a Igreja e o século, a fim de defender a pureza e a “liberdade da Igreja” contra as perniciosas práticas do laicato (como a simonia e o nicolaísmo). Essa distinção faz-se particularmente clara quando de sua narrativa do encontro entre o imperador Frederico I e o papa Adriano IV, descritos como representantes de “duas cortes principescas” *distintas*, dentre as quais caberia à Igreja a supremacia *moral* – já indicada pela *autoridade paternal* do papa sobre o imperador em outras cenas da *Gesta*. Contudo, vale destacar que tal *autoridade moral* não se traduz, para Oto, em *domínio* sobre o império mas, ao contrário, afasta-se da instauração de uma “monarquia papal”, defendendo que Igreja e império deveriam juntos governar a cristandade. Dessa forma, Oto opõe-se também à toda a ação do clero que possa desencadear um cisma, em qualquer um dos dois níveis apresentados acima, condenando a deposição de Henrique IV por Gregório VII, bem como a eleição do anti-rei Rodolfo da Suábia (apoiado por Gregório VII) e a manipulação da eleição régia pelo Arcebispo de Mainz (partidário de Lotário III), que resultaria na eleição de Conrado como anti-rei (significativamente omitida na *Gesta*) e considerando legítimas, em sua narrativa, apenas as eleições régias conduzidas pelas corretas instâncias do laicato. Por fim, o imperador ideal de Oto de Freising pode ser definido por aquela que é sua função primeira: a manutenção da unidade e da paz no seio da *Christianitas*. Ele é, portanto, aquele que faz a paz: *pacificus*.